



UNIBALSAS
Faculdade de Balsas

Janaína da Silva Trindade¹
Ana Cristina Teixeira de Brito
Carvalho²

PERCEPÇÃO FEMINISTA DO CONTO “OS LAÇOS DE FAMÍLIA” DE CLARICE LISPECTOR.

Resumo: O conto os laços de família de Clarice Lispector se encontra dentre os que mais se destacaram nas obras da autora. Está inserido no livro *Laços de Família* que compõe sua estrutura com outros contos. Com suas características ímpares, Clarice consegue em suas obras retratar a visão feminina e essa visão faz com que a torne mais importante e clássica dentro da literatura brasileira. Mulheres como Clarice Lispector, se destacaram após o período histórico vivenciado também no Brasil, movimento denominado Feminismo. Este acontecimento trouxe para a literatura brasileira um contexto rico em aspectos que antes permaneciam camuflados na sociedade. No conto “os laços de família”, nos é apresentado um cenário com relações distintas dentro de um mesmo ambiente familiar, essa olhar é que permite que sejam realizadas as análises coerentes com a realidade cotidiana dos dias que se passam.

Palavras-chave: Feminismo, Laços, Família.

Abstract: The story of Clarice Lispector’s family ties is among the most prominent in the author’s works. It is inserted in the book *Family Ties* that composes its structure with other stories. With her unique characteristics, Clarice is able to portray the feminine vision in her works and this vision makes her more important and classic within the Brazilian literature. Women like Clarice Lispector, stood out after the historical period also experienced in Brazil, movement denominated Feminism. This event brought to Brazilian literature a rich context in aspects that previously remained camouflaged in society. In the “family ties” story, we are presented with a scenario with distinct relationships within the same family environment, this look allows us to carry out the analyzes consistent with the everyday reality of the days that pass.

Keywords: Feminism, Ties, Family.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto os laços de família de Clarice Lispector, levando em consideração o olhar crítico feminista, relatando e destacando as principais características presentes nesta obra. Neste conto é possível apreciar as relações do âmbito familiar e as percepções da figura feminina na obra. A priori, ao ler o título do conto somos lançados a imaginar algo relacionado à nossa vida cotidiana, os laços, as ligações, as relações da família, considerando tanto o lado negativo quanto o lado positivo de tais situações. A figura da mulher atualmente é vista e valorizada em muitas áreas, e no campo literário não é diferente, o principal responsável por essa significação e representação foi o movimento feminista, direcionado à mulher e ao espaço que ocupa na sociedade. A crítica femi-

¹Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade. Pós-graduada em Gestão Financeira e Tributária pela Faculdade de Balsas. Graduada do Curso de Letras pela UEMA.

²Graduada em Letras – Literatura pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UERJ, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Doutora em Letras – Literatura comparada pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

nista surge como uma tradução no modo como a mulher é vista, a partir dos movimentos feministas o olhar voltado para este perfil modifica as percepções. Em relação à literatura brasileira, nosso país, possui grandes nomes que se destacaram durante todo este movimento e assim conseguiram trazer a mulher como peça importante na sociedade e na estrutura familiar. Dentro da narrativa de “os laços de família”, é possível observar relações distintas vivenciadas dentro do ambiente familiar que envolve as principais personagens que vivem um conflito emocional, uma busca de identidade. A temática social do conto consegue revelar claramente a realidade, o cenário onde estamos inseridos, onde somos levados a viver obedecendo a uma rotina que na maioria das vezes, rompem os laços de família, uma vez que estes podem ser considerados frágeis, onde são compostos por famílias estruturadas mediante máscaras que justificam as boas aparências dentro da sociedade contemporânea. Com o estudo do conto voltado para as percepções feministas, houve um despertar no senso crítico focado na individualidade feminina e na sua busca de personalidade, reconhecimento e solução de um conflito existencial vivenciado pela personagem principal. O que se torna possível comparar, em um momento paralelo, é a postura masculina e a postura feminina dentro dos sistemas familiares, são posicionamentos distintos. A carência está claramente revelada no decorrer de todo o conto, onde a rotina gera desencontros. Sendo que diante da postura masculina é notável o machismo e o individualismo. A consagrada escritora Clarice Lispector é vista por muitos como “escritora feminista”, por expressar a perspectiva feminina.

2. RESUMO DO CONTO

O conto os laços de família de Clarice Lispector, se passa na cidade do Rio de Janeiro e relata a vida cotidiana de uma família formada por pai, mãe e filho, onde obedecem à vida urbana da época. Em casa, recebem a visita de uma avó materna por um período de duas semanas. A presença da avó causa inquietações nos demais personagens, que vão desde as transformações

comportamentais como emocionais, configurando um período minucioso de reflexões, principalmente a partir da despedida, ou seja, ao final do período. A hora do retornar, apreciado pelas personagens é importante e se estende por todo o conto, desencadeando diversos pensamentos e sentimentos. O retorno é algo que por alguns instantes altera a sensibilidade dos personagens, Catarina retorna às lembranças e à sua casa, onde o marido aguarda também por tal ação de volta, e sua mãe também está partindo, retornando ao seu ponto de origem antes da visita já mencionado. Neste contexto, a autora retrata a vida da personagem que está diretamente envolvida em todas as relações vivida pela família. Catarina é mãe, filha e esposa. Severina é a avó e causa todo um movimento do avesso na família da filha, pois é a sua presença que faz com que as inquietações se revelem. Antonio é o marido de Catarina, que pouco se apresenta, mas é consumido também por momentos reflexivos dentro de seu próprio mundo. Ele por sua vez, não demonstra afetos pelo filho, que é uma criança magra e assustada dentro da percepção da avó.

3. O DIRECIONAMENTO DO OLHAR FEMINISTA

Ao analisar o conto, por intermédio da crítica feminista destacou-se tais características da abordagem que foram associando à realidade e ao espaço considerável que a mulher representa diante das relações impostas pela sociedade. Inicialmente, ao analisar somente pelo título, nota-se que o conto está ligado diretamente à estrutura familiar. Isoladamente analisando a palavra “laços” é possível imaginar a figura de algo que é frágil, que desata e se desfaz com facilidade, mas por outro lado é algo que une, que liga e amarra, logo remete-se ao pensamento de que para manter os laços é preciso ter cuidados, cautela e caprichos. Em destaque ao segundo termo do título, “família”, conclui-se o entendimento do primeiro, pois é dentro do seio familiar que as relações e os afetos devem ser construídos e mantidos com zelo.

Já no primeiro momento do conto é re-

velado aos leitores umas das relações estabelecidas, onde há ausência de cumplicidade e companheirismo entre mãe e filha, mas apesar destas faltas nota-se uma tolerância em relação a estarem ocupando o mesmo espaço, dentro do mesmo taxi. Estas percepções podem ser observadas na passagem a seguir.

A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi que as levaria à Estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza assistia. — Não esqueci de nada? perguntava pela terceira vez a mãe. — Não, não, não esqueceu de nada, respondia a filha divertida, com paciência (LISPECTOR, 2013, p. 49).

No trecho em destaque, percebe-se que o dialogo acontece simplesmente com um questionamento que se repete constantemente relatando a preocupação da mãe e a paciência da filha, o que demonstra uma falta de intimidade.

Seguindo a leitura, a autora revela a segunda e não menos importante relação do conto, entre a mãe de Catarina e o marido. “Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons-dias e as boas-tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir.” (Lispector, 2013, p. 49).

Catarina ao conhecer o relacionamento entre sua mãe e seu esposo, no primeiro instante, tem consciência que ambos passaram as duas semanas utilizando máscaras sociais para suportarem um ao outro, comportamentos convencionais de aceitação por suas ligações de sogro e genro. Preservando assim as boas aparências. Mas apesar destes sentimentos, o momento da despedida denota outras falas que surgem da sogra como sinal de quem pretende manter bons vínculos.

“Perdoe alguma palavra mal dita”, dissera a velha senhora, e Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das malas nas mãos, a gaguejar – perturbado em ser o bom genro. “Se eu rio, eles pensam que estou louca”, pensara Catarina franzindo as sobrancelhas. “Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um”, acrescentara

a mãe, e Antônio aproveitara sua gripe para tossir (LISPECTOR, 2013, p. 49).

A figura da mulher como sogra, não se transmite de forma amigável, esta personagem é vista como uma estranha, que está presente por algum outro motivo que não seja familiar. Por mais difícil que tenha se tornado a situação ou convivência neste período de visita da sogra, no momento certo ela conseguira expressar seus afetos pelo genro, mesmo sendo na ultima oportunidade, logo esta ação pode ser vista por um lado positivo, levando em consideração o ditado popular que a fundamenta “Antes tarde, do que nunca.”

Ainda no instante da despedida, Catarina revela uma característica muito importante que possui e que predomina em todo o conto. Aparentemente é uma personagem que obedece às circunstâncias sociais, onde podemos afirmar ser uma boa mãe, filha e esposa. O ser do sexo feminino, isto é, o ser mulher deveria ser comum a todas as outras, praticando essas boas maneiras diante do contexto sociedade e modelo padrão. Porém, nota-se, um bloqueio em relação a expressar sentimentos. Catarina não consegue transparecer o que sente, não sinaliza o que se passa em seu interior, essa prática já é típica desta personagem. Esse aspecto caracteriza fortemente as personagens de Clarisse Lispector.

A partir de Laços de família, definem-se os perfis mais frequentes das personagens de Clarice. Nos contos, predomina o modelo da dona de casa pequeno-burguesa em conflito com sua condição de mãe e esposa, vivendo um cotidiano institucionalizado, abafado pelo peso da rotina (GUIDIN, 2001, p.18).

Em algumas passagens no decorrer do conto, a personagem Catarina, acredita ser positivo este aspecto de não manifestar seus sentimentos mais internos. Mas, por outro lado, essa ausência de demonstrações do que se sente pode ser interpretada como algo que esteja ligado com sensações reprimidas que estão diretamente ligadas as questões emocionais, caracterizando sua subjetividade.

Felizmente nunca precisava rir de

fato quando tinha vontade de rir: seus olhos tomavam uma expressão esperta e contida, tornavam-se mais estrábicos – e o riso saía pelos olhos. Sempre doía um pouco ser capaz de rir. Mas nada podia fazer contra: desde pequena rira pelos olhos, desde sempre fora estrábica (LISPECTOR, 2013, p. 49).

Os conflitos eram visíveis, dentro do ambiente familiar no período em que a personagem Severina visitava seus familiares, isso exclusivamente, quando o assunto era o filho do casal. Falavam pouco da criança, mas se irritavam intensamente quando a avó compartilhava alguns pensamentos negativos sobre a postura da criança. Até o momento, o casal de fato não visualizava a imagem do filho como a avó percebia.

Era um menino nervoso, distraído. Durante a visita da avó tornara-se ainda mais distante, dormira mal, perturbado pelos carinhos excessivos e pelos beliscões de amor da velha. Antônio, que nunca se preocupava especialmente com a sensibilidade do filho, passara a dar indiretas à sogra, “a proteger uma criança”... (LISPECTOR, 2013, p. 49).

Neste fragmento também percebe-se a diferença entre as interpretações, sentimentos e sensações presentes diante dos laços de famílias até aqui mencionados. Por um lado, uma avó cheia de afetos para com o neto, e demonstrando toda essa imensidão de envolvimentos e afetos, já no lado oposto uma criança sem estes hábitos, adaptado a um ambiente totalmente ao avesso das reações da avó.

Um aspecto determinante no seio familiar é apresentado pela postura do pai, “*Antônio, que nunca se preocupava especialmente com a sensibilidade do filho, passara a dar indiretas à sogra, “a proteger uma criança”...*” (Lispector, 2013, p.49) “grifos nossos”; o individualismo surge claramente na figura do pai, Antônio carrega um perfil que não transmite as emoções mínimas, que deviam existir nos laços comuns entre pais e filhos.

O conto “os laços de família” os apresenta três grandes momentos de tensão entre as relações observadas, e um dos primeiros ocorre quando as personagens mãe e filha ainda perma-

necem no interior do táxi a caminho da Estação. Quando tudo parecia correr normalmente, um acontecimento faz com que as personagens sejam lançadas a algo inesperado. Uma freada brusca do táxi ocasionou um desastre físico e emocional.

– Não esqueci de nada..., recomeçou a mãe, quando uma freada súbita do carro lançou-as uma contra a outra e fez despencarem as malas. – Ah! ah! – exclamou a mãe como a um desastre irremediável, ah! dizia balançando a cabeça em surpresa, de repente envelhecida e pobre. E Catarina? Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera um desastre? seus olhos piscaram surpreendidos, ela ajeitava depressa as malas, a bolsa, procurando o mais rapidamente possível remediar a catástrofe. Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado (LISPECTOR, 2013, p. 50).

É visível que o impacto entre as duas personagens acontece fisicamente, mas o realce maior deste fragmento foi o choque emocional que não passou despercebido, o novo, o esquecido aconteceu de forma a romper toda a formalidade que havia se instalado no interior do taxi. Catarina expressa fielmente à relação distante que possuía com a mãe, o que a deixou deslumbrada com lembranças de um passado, que ao certo também estava esquecido.

Um conflito emocional toma conta da personagem fazendo-o retomar a convivência também com o pai, levando-a a comparação entre a sua relação com o pai e com a mãe. Nessa retomada, percebe-se a presença de um afeto vivido com a personagem do pai de Catarina. “Do pai, sim. Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava” (Lispector, 2013, p. 50).

A falta de intimidade é algo que causa inquietação, há um bloqueio que fortemente afeta as duas envolvidas nesse instante, constringendo uma a outra. Com toda essa perturbação o destino traçado ainda não foi alcançado, o tempo não passa. “Mas depois do choque no táxi e depois de

se ajeitarem, não tinham o que falar – por que não chegavam logo à Estação?” (Lispector, 2013, p. 50).

O segundo momento de tensão se dá no ambiente da Estação, quando Severina já se encontra dentro do trem, esperando a hora da partida e de lá olha a filha, esta por sua vez, continua envolvida por sensações novas e inéditas, fazendo-a perceber o contexto e observar a mãe de uma maneira inesperada e cuidadosa. Apesar da existência permanente do seu conflito interno, seus sentimentos pulsam em busca de uma harmonia emocional. O olhar de Catarina para a figura da mãe neste instante é um olhar devagar, investigador e cauteloso. O silêncio entre as duas mesmo distantes intensificavam as percepções e especulações internas da filha, “Catarina viu então que sua mãe estava envelhecida e tinha os olhos brilhantes.” (Lispector, 2013, p.50). Com a distância, o que acontecia internamente em cada uma das personagens, foi íntimo, ímpar e revelador somente para elas.

A campanha da Estação tocou de súbito, houve um movimento geral de ansiedade, várias pessoas correram pensando que o trem já partia: mamãe! disse a mulher. Catarina! disse a velha. Ambas se olhavam espantadas, a mala na cabeça de um carregador interrompeu lhes a visão e um rapaz correndo segurou de passagem o braço de Catarina, deslocando-lhe a gola do vestido. Quando puderam ver-se de novo, Catarina estava sob a iminência de lhe perguntar se não esquecera de nada... – ... não esqueci de nada? perguntou a mãe. (LISPECTOR, 2013, p. 50)

Este fragmento dá abertura a algo incomum entre as duas, a preocupação de ambas estarem esquecendo algo, o sentimento de ausência se manifestava ferozmente, e a sensação de não saciá-la incomodava. Internamente estava nítido o que estava esquecido, mas não havia intensidade que o fizessem expressar. Na consciência de Catarina, dúvidas e vontades surgiam, mas por algum motivo eram bloqueadas e substituídas por qualquer argumento.

Para os leitores o que ficou faltando esteve bem definido durante o conflito intrínseco das duas, a ausência dos laços, da intimidade, da cumplicidade fizeram com que as barreiras aumen-

tassem dentro da relação, que até este ponto, foi considerada apenas como uma relação sanguínea.

Clarice Lispector define vigorosamente o universo feminino, que neste caso é vivenciado pela figura de Catarina, a protagonista deste conto. Em todas as relações estabelecidas, o seu perfil permanece o mesmo, com sentimentos ocultos. Os outros personagens permanecem ligados diretamente a ela e os motivos dos seus conflitos.

O terceiro e o último momento de tensão deste conto decorrem com o retorno da personagem Catarina para sua casa. De fato a mãe lhe causava incômodo sentimental.

Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil. Alguns homens a olhavam, ela era doce, um pouco pesada de corpo. Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de acaju. E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade – tudo estava tão vivo e tenro ao redor, a rua suja, os velhos bondes, cascas de laranja – a força fluía e refluía no seu coração com pesada riqueza. (LISPECTOR, 2013, p. 51)

Uma falsa tranquilidade servia de companhia para o caminho de volta ao lar. Estava inserida no contexto urbano, pertencia à classe média alta da cidade do Rio de Janeiro, era casada e tinha um filho, aparentemente feliz. Mas o desfecho deste conto, se dá com o chamado para esta realidade que está inserida. A parte do dia, que teve a companhia da mãe, lhe fez refletir sobre sua vida e seu futuro.

Chegando a casa, se depara com o cenário de melancolia, rotina e individualismo e machismo da figura do marido, “Antônio mal levantou os olhos do livro. A tarde de sábado sempre fora “sua”, e, logo depois da partida de Severina, ele a retomava com prazer, junto à escrivaninha” (Lispector, 2013, p. 51). A tarde era reservada para passar em casa, mas de modo isolado, tanto da esposa, quanto do filho. Esse comportamento aponta para a rotina instalada no lar.

A visita ao quarto do filho é o momento em que todos os sentimentos ganham sentido e transformam o restante do dia e as atitudes de Catarina como mãe. Ouvir o filho chamando-

-a de mamãe lhe permitiu uma sensação única que a encorajou a sair de casa com o filho. Na tentativa de melhorar a relação entre mãe e filho, Catarina resolve ter com o filho um momento de proximidade e afeto, levando-o em um passeio na praia. A influência vivida com a mãe Severina naquele dia, fez com que a protagonista percebesse a importância dos laços de família, já que seu filho estava tão próximo e ainda havia tempo, era a ocasião perfeita para reanimar e resgatar o laço entre a mãe e o filho.

Obedecendo aos costumes rotineiros da família, Catarina corresponde o marido com a mesma atitude de frieza, ignorando-o e saindo com o filho. Seus sentimentos estavam mais aflorados àquela tarde, ignorar alguém como o seu marido naquele instante seria fácil, uma vez que todo o seu universo estava voltado para o filho. Logo o marido por se apresentar machista, imediatamente passa a se questionar-se sobre o porquê desta atitude.

Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro – e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada. Os dois haviam parado, a mulher talvez decidindo o caminho a tomar. E de súbito pondo-se em marcha. (LISPECTOR, 2013, p. 52)

Mergulhado em seus pensamentos e questionamentos Antônio transmite um ar de preocupação e reflexão ao mesmo tempo. Um deles nos leva a dois pontos importantes, o primeiro está relacionado a figura machista de Antônio, que mais uma vez é destacada, porém com relatos mais cruéis em relação a figura feminina de Catarina.

Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que precisava humilhá-la? no entanto ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa. Mas tinha se habituado a torná-la femi-

nina deste modo: humilhava-a com ternura, e já agora ela sorria – sem rancor? Talvez de tudo isso tivessem nascido suas relações pacíficas, e aquelas conversas em voz tranquila que faziam a atmosfera do lar para a criança. Ou esta se irritava às vezes? (LISPECTOR, 2013, p. 52-53).

Além dos devaneios a respeito da esposa, o comportamento do filho também era motivo para os pensamentos profundos de Antônio.

Às vezes o menino se irritava, batia os pés, gritava sob pesadelos. De onde nascera esta criaturinha vibrante, senão do que sua mulher e ele haviam cortado da vida diária. Viviam tão tranquilos que, se se aproximava um momento de alegria, eles se olhavam rapidamente, quase irônicos, e os olhos de ambos diziam: não vamos gastá-lo, não vamos ridiculamente usá-lo. Como se tivessem vivido desde sempre (LISPECTOR, 2013, p. 52-53).

Como mencionado anteriormente, dois aspectos são relevantes, o primeiro relacionado ao machismo e o segundo obedece a ideologia do consumismo presente neste conto. A reflexão do esposo denota a busca de algumas explicações sobre a saída da esposa sem que ele fosse comunicado.

“Mas e eu? e eu?” perguntou assustado. Os dois tinham ido embora sozinhos. E ele ficara. “Com o seu sábado.” E sua gripe. No apartamento arrumado, onde “tudo corria bem”. Quem sabe se sua mulher estava fugindo com o filho da sala de luz bem regulada, dos móveis bem escolhidos, das cortinas e dos quadros? fora isso o que ele lhe dera. Apartamento de um engenheiro. E sabia que se a mulher aproveitava da situação de um marido moço e cheio de futuro – desprezava-a também, com aqueles olhos sonsos, fugindo com seu filho nervoso e magro. O homem inquietou-se. Porque não poderia continuar a lhe dar senão: mais sucesso. E porque sabia que ela o ajudaria a consegui-lo e odiaria o que conseguissem (LISPECTOR, 2013, p. 52).

A atitude de Catarina, ao quebrar a rotina do sábado sagrado, fez surgir uma inquietação no marido.

A última luz da tarde estava pesada e abatava-se com gravidade sobre os objetos. As areias estalavam secas. O dia inteiro estivera sob essa ameaça de irradiação. Que nesse momento, sem reben-

tar, embora, se ensurdecia cada vez mais e zumbia no elevador ininterrupto do edifício. Quando Catarina voltasse eles jantariam afastando as mariposas. O menino gritaria no primeiro sono, Catarina interromperia um momento o jantar... e o elevador não pararia por um instante sequer?! Não, o elevador não pararia um instante. – “Depois do jantar iremos ao cinema”, resolveu o homem. Porque depois do cinema seria enfim noite, e este dia se quebraria com as ondas nos rochedos do Arpoador (LISPECTOR, 2013 p. 53).

E já conhecedor da própria rotina instalada nos laços dessa família, o marido esperançoso, aguardava a esposa ansioso e com planos concretos de como dar àquele sábado um final e tudo se resolveria e voltaria ao normal.

Em relação aos elementos da narrativa, presentes nesta obra, podemos iniciar classificando-o como narrador em terceira pessoa, que é um estilo comum entre os contos de Clarice Lispector, com discurso indireto livre e narrador onisciente, isto é, que tem conhecimento de tudo o que se passa no conto. “Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons-dias e as boas-tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir” (Lispector, 2013, p. 49).

A presença marcante das personagens também merecem destaques, a protagonista, Catarina, que no conto é a que possui características detalhadas. “Sempre doía um pouco ser capaz de rir. Mas nada podia fazer contra: desde pequena rira pelos olhos, desde sempre fora estrábica” (Lispector, 2013, p. 49). “Alguns homens a olhavam, ela era doce, um pouco pesada de corpo. Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de acaju.” (Lispector, 2013, p. 51) “Assim era aquela calma mulher de trinta e dois anos que nunca falava propriamente” (Lispector, 2013, p. 52).

Nos recortes citados anteriormente estão as características de Catarina. Severina, a mãe, é uma personagem que carrega traços de antagonista, sempre se colocando contra a personagem principal. Das personagens secundárias temos o filho, magro e assustado, o esposo, gripado, solitário e individualista, e por fim a figura do

motorista de táxi, que provoca de modo agressivo toda a situação inicial deste conflito familiar.

O conto se divide em quatro ambientes marcantes, o interior do veículo de táxi, a Estação de trem, apartamento da família e a praia. Dentro de cada ambiente são percebidos sentimentos e sensações diferentes e pela percepção de cada personagem. O tempo é cronológico, narrando o acontecimento de um único dia, o sábado. E de modo geral se esclarece o período em que se instala esta situação onde a visita da sogra dura duas semanas.

E por fim, em mais um aspecto feminista, Clarice consegue transparecer a época em que se passava o conto, isto, relacionando acessórios femininos, como as luvas e os chapéus, tanto Catarina e Severina estão usando tais pertences. Em discursos diretos e indiretos percebemos estas movimentações. Recortes do conto em seguida.

Os fragmentos em que se destacam a presença de discursos diretos no conto pode ser “– Tome suas luvas! disse-lhe, recolhendo-as do chão.” (Lispector, 2013, p. 50) “– Ah! ah! minhas luvas! exclamava a mãe perplexa.” (Lispector, 2013, p. 50) “– Catarina! disse a velha de boca aberta e olhos espantados, e ao primeiro solavanco a filha viu-a levar as mãos ao chapéu: este caíra-lhe até o nariz, deixando aparecer apenas a nova dentadura.” (Lispector, 2013, p. 51)

Por outro lado também é possível destacar discursos indiretos, tais como: “O rosto da mãe desapareceu um instante e reapareceu já sem o chapéu, o coque dos cabelos desmanchado caindo em mechas brancas sobre os ombros como as de uma donzela – o rosto estava inclinado sem sorrir, talvez mesmo sem enxergar mais a filha distante.” (Lispector, 2013, p. 51) “O elevador zumbia no calor da praia”. (Lispector, 2013, p. 51) “Abriu a porta do apartamento enquanto se libertava do chapeuzinho com a outra mão; parecia disposto a usufruir da largueza do mundo inteiro, caminho aberto pela sua mãe que lhe ardia no peito” (Lispector, 2013, p. 51).

O contexto histórico sendo relacionado a esses acessórios mencionados anteriormente, traz um ar de elegância à mulher, além de uma postura adequada para aquele convívio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica feminista revela sua importância a cada obra lida ou analisada, demonstrar a tal característica a partir da percepção feminina, faz com que surjam perspectivas diferenciadas em relação ao gênero. O ser mulher, por mais marcante que seja dentro da sociedade, ainda tem dificuldades de representação ideológica. O conto “os laços de família” de Clarice Lispector, traz para os leitores esse perfil extremamente feminista. Atualmente existem muitas Catarina em nossa sociedade, onde assumem uma postura múltipla na sociedade, ou seja, é mãe, esposa, filha e dona de casa ao mesmo tempo. E denotam os mesmos sentimentos ocultos, sejam eles oriundos do tempo e da rotina que estamos inseridos, ou até mesmo por repressão da sociedade. Catarina pode ter sido transformada em uma mulher introspectiva devido à convivência com a mãe que também possuía o mesmo perfil, ou também com a ajuda da humilhação do esposo que a esmagava e lhe tornava fria e com conflitos emocionais.

Clarice Lispector em seu conto traduz uma realidade contemporânea, os laços de famílias, as relações em seio familiar. O que claramente é definido no seu conto, é que os laços são frágeis e sofrem pressão da rotina e da melancolia, da velocidade em viver, em alcançar algo em longo prazo, esquecendo totalmente o que já possuem. Essa crise está afetando a sociedade atualmente. O círculo onde estamos inseridos nos impõe algumas situações de difíceis resoluções. A autora, por meio do seu conto, faz uma alerta às famílias, às relações, aos realces emocionais, juntamente com um chamado em relação ao tempo. O tempo passa e a oportunidade de criar e manter os laços de família não se estende, não têm profundidade, permanece apenas na superficialidade da coisa. Entre outros aspectos, direcionando o conto para uma realidade mais aproximada, é possível fazer uma analogia entre o conto os laços de família de Clarice Lispector e a música Trem bala de Ana Vilela, que junto nos fazem despertar para uma vida que seja cheia de laços, que amarram que ligam e que unem.

5. REFERÊNCIAS

CORTEZ, Clarice Zamonaro; RODRIGUES, Milton Hermes. Operadores da pessoa. In: BONICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana (org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. ver. e ampl. Maringá: Edúlm, 2005, p.141-203.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de Leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LISPECTOR, Clarice, 1920-1977. **Laços de família** [recurso eletrônico] / Clarice Lispector. – 1.ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013. recurso digital ISBN: 978-85-8122-193-9 (recurso eletrônico) 1. Conto brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.